



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1466

A CONSTRUÇÃO DA FEMINILIDADE NA IMAGEM FIXA DA MULHER EM LIVROS DIDÁTICOS

Marília Alcântara Bernardelli
(Universidade Estadual de Londrina - UEL)

Resumo: Com intuito de compreender as possíveis representações da imagem da mulher presente em nove coleções de livros didáticos de História para os anos iniciais, aceitos no Plano Nacional do Livro Didático do ano de 2013, esta pesquisa tem como proposta analisar as suas imagens por meio do método analítico das relações de gênero concomitantemente com a metodologia iconológica, ambas nos darão suporte de entendimento no que tange a construção das características feminina e masculina destinadas aos corpos sexuados. Partimos da premissa da necessidade da reflexão do livro didático, da linguagem e da imagem fixa como práticas culturais de modelos na sociedade, sendo potentes forças na formação das percepções sobre o corpo e as suas manifestações materializadas pela sexualidade e pelas relações de convívio que se mantêm através dele. Este trabalho se objetiva pela possibilidade da desconstrução de pensamentos normatizadores que findam por si só a um segmento único de vivência dos corpos, estratificando a posição dos indivíduos com a difícil possibilidade de transgressão de ideias e comportamentos. Salientamos também que esta pesquisa está sendo desenvolvida no Programa de Mestrado em Educação/UEL. A pesquisa sobre a mulher e as relações de gênero nos LD pode auxiliar na forma de propiciar o diálogo entre pesquisadores, docentes e discentes que atuam ou pesquisam nas escolas possibilitando a reflexão das formas que nos colocam a pensar sobre os assuntos.

Palavras-chave: Imagem da mulher; Relações de gênero; Livro didático.

Financiamento: Bolsista – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Introdução

Foram muitas reflexões ao longo da minha graduação para iniciar no mestrado com esse tema de pesquisa que a princípio tinha outra elaboração, mas o estudo com a imagem esteve presente desde o início. O seu lado “misterioso” me convenceu da pertinência de estudá-la e tentar assim poder identificar também as (a) suas mensagens implícita. Partindo da seguinte problemática: os livros ilustram a

mulher por meio de uma conduta estratificada do seu modo de ser? Temos como objeto de pesquisa¹ a imagem da mulher, e nos debruçaremos sobre a sua leitura para tentarmos compreender como os Livros Didáticos vêm representando em imagens e textos a figura feminina. Ressaltamos que a presente pesquisa está em desenvolvimento, por isso não apresentaremos uma análise completa segundo a metodologia que adotamos para a interpretação da imagem. Por isso para este texto nos guiaremos pelos pressupostos da abordagem teórica da dissertação concomitante a uma sucinta análise das resenhas das coleções selecionadas e das primeiras impressões que obtivemos ao olhar esses livros sendo analisado por uma estrutura metodológica bibliográfica e qualitativa. Diante disso, num primeiro momento discorreremos sobre como estamos fazendo a pesquisa: a escolha das coleções, o modo como vamos analisar as imagens, e os apontamentos teóricos que nos norteiam nesse estudo dando ênfase as questões da linguagem, da cultura e do sentido do termo gênero. Já no segundo momento apresentaremos algumas considerações feitas até agora no que tange a análise dos livros.

Os estudos sobre as relações de gênero em livros didáticos, mesmo não sendo utilizado com este tema, estão ganhando mais espaço no meio acadêmico, porém ainda se faz necessário mais pesquisas sobre o assunto e mais discussões nas instituições de ensino. Por isso entendemos a pertinência do estudo ao tema, que então, aborda os conceitos de gênero, livro didático e imagem.

O presente estudo não se trata de uma pesquisa de cunho único e específico dos Estudos Visuais, porém são grandes as suas contribuições uma vez que nos apoiamos na premissa em que este estudo nos coloca diante do questionamento da transformação do nosso espaço pelas nossas práticas de olhar, nossas maneiras de ver e fazer, relacionando-se por meio do entrelace da visibilidade e do discurso nos Estudos Culturais (PEGORARO, p. 45, 2011). Nos utilizaremos da imagem atrelando-a às nossas análises com a metodologia analítica das relações de gênero. Também enfatizamos que este estudo não procura por assuntos/imagens que abordam especificamente nos livros questões sobre a mulher ou gênero, mas sim qualquer tipo de imagem que ilustre a figura feminina podendo ilustrar diferentes

¹ Pesquisa sendo desenvolvida pela orientação da Prof^ª. Dra. Marlene Rosa Cainelli.

temas do livro. Assim, não negamos a pertinência e a necessidade do questionamento a ser realizado pelos (as) professores (as) acerca da especificidade da temática de gênero, pois acreditamos que a visualidade acaba se tornando uma prática discursiva onde as falas se embutem de ideias totalizantes e até mesmo preconceituosas, o que acaba por gerar às vezes despercebidamente a hierarquia das relações de poder entre os indivíduos.

Entendemos que a predominância de posicionamentos fundamentalistas possui um caráter excludente com as diversas formas que se tem de “ser” um corpo. A pesquisa sobre a mulher e as relações de gênero nos LD de História para o Ensino Fundamental I pode auxiliar na forma de propiciar o diálogo entre pesquisadores, docentes e discentes que atuam ou pesquisam nas escolas possibilitando a reflexão das formas que nos colocam a pensar sobre os assuntos.

Ao fazermos a escolha das coleções dos livros que estão sendo o suporte do objeto desta pesquisa tomamos os seguintes critérios, primeiro optamos pela escolha dos livros de História que foram inscritos e aceitos no Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) no ano de 2013. O segundo critério estende-se ao recorte teórico; o edital deste PNLD estabelece que as escolas utilizem os livros por triênios, por isso esta delimitação do tempo. O recorte temporal se justifica pela última escolha do PNLD para os primeiros anos do fundamental considerando o espaço de tempo como atual e propício para a discussão da mulher, que existe há tempos, sendo que atualmente muito se fala do tema, assim, acreditamos na pertinência da discussão na nossa contemporaneidade. Sendo assim, adotamos como terceiro critério trabalharmos com nove coleções completas, no total serão nove coleções analisadas. A coleção para este nível de ensino é composta por quatro livros que são destinados pelos anos (2º, 3º, 4º e 5º ano). Escolhemos as coleções: Pelos Caminhos da História; Histórias, Imagens e Textos; Projeto Prosa História; De olho no futuro – História; Agora é Hora – História; Projeto Eco – História; Mundo Amigo – História; Descobertas História; Mundo Aberto – História.

O nosso objeto a imagem ou a ilustração da mulher presente nos livros será analisada teoricamente pela metodologia iconológica juntamente com a metodologia de análise das relações de gênero fundamentada por Joan Scott. Entendemos gênero pela sua ação política e sua forma de um saber que organiza culturalmente

um modo de vida contemplando a hierarquização de uma estrutura social (SCOTT, p. 12, 1994). Sendo assim, presumimos que a categoria mulher é historicamente construída por um sistema social normativo que distingue os seres humanos pelas suas genitálias. A respeito desse complexo debate sobre gênero e seu espaço nas imagens das mulheres temos como intenção analisar e contextualizar o corpo categorizado culturalmente como feminino por meio de perguntas e não lê-lo por meio de uma fixa definição de um corpo sexuado. Ou seja, não nos limitamos a descrever as imagens pelo o que está dado socialmente, mas sim, utilizar a categoria de gênero (SCOTT, 1991) como um dos métodos de sua análise para primeiramente questionar a noção de mulher, não recaindo a tão criticada análise dualista sexo/gênero.

Ao mesmo tempo tomamos como metodologia de análise das imagens a iconologia. Tal método tem como principal função verificar os três tipos de mensagens que compõe uma imagem visual, sendo elas: mensagem plástica; mensagem icônica; e mensagem linguística. Esse processo metodológico detecta a mensagem implícita geral da imagem. Tal método tem como característica a relevância da função e do contexto teórico da imagem (JOLY, 2012). Repensar o espaço da mulher em diferentes contextos que os livros nos mostrarão ou ao mesmo tempo repensar os vazios presentes nos livros sobre as mulheres é uma sucinta tentativa de alocar esse assunto para o campo acadêmico, analisando os vieses representados pelas coleções analisadas.

Na hierarquia das relações entre os sexos a mulher ou o indivíduo que nasce com a genitália do sexo feminino sempre esteve abaixo das condições de privilégios na sociedade. A partir disso podemos estabelecer uma compreensão pelas relações de gênero sob a construção social das características femininas num corpo sexuado. Ao se falar de gênero não necessariamente está se falando de mulher, mas sim da hierarquia de poder que se construiu perante os conceitos que foram atribuídos aos corpos, ora temos então temas que se complementam e vão ganhando força à medida que são discutidos e (re) pensados. Vale lembrar que a utilização da palavra gênero neste trabalho associa-se à construção e definição de poder na sociedade, e não à tipologia de algo, como usamos para distinguir os diferentes modelos de textos na Língua Portuguesa, ou também para classificar os estilos de música.

No que concerne à linguagem, é comum vermos a utilização da neutralidade da palavra “masculino” em detrimento da palavra feminino, como se a segunda sempre estivesse englobada à primeira. Ao se tratar das pessoas de uma determinada época opta-se pelo termo masculino para se referir a mulheres, crianças, homens, políticos, trabalhadoras/es, enfim, há comumente o fato da palavra “homem” como designação de uma categoria universal de pessoas. Todavia, tal expressão não se estende a todos os homens, como podemos ver ela era muito utilizado quando referia-se ao homem ocidental branco e rico, sendo eles participantes ativos da esfera política e do domínio público (HARDING, 1993); mesmo com o desenvolvimento das sociedades perpetuou-se a visão androcêntrica no modo de se falar. De acordo com um estudo recente realizado pela pesquisadora Valéria Fernandes da Silva, doutora em História pela Universidade de Brasília e professora do Colégio Militar de Brasília, com algumas coleções de livro didático de História aceitas no Plano Nacional de Educação (PNLD) de 2011 destinadas aos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), constatou-se que há a surpresa das alunas quando entendem que as mulheres também participaram da História. Silva (2014, p. 265) nos aponta:

Em nossos quase vinte anos lecionando História, presenciamos várias vezes a alegria de meninas por simplesmente saberem que, sim, as mulheres estavam participando das revoluções, escrevendo, inventando coisas, governando países; ainda que uma sociedade fosse patriarcal, nem sempre as mulheres estavam reclusas em seus lares ou que esses mesmos lares eram, sim, um lugar de exercício de poder. Esta genuína alegria não se restringe às adolescentes e pré-adolescentes, mas é expressa, também, por universitárias que, ao longo de sua formação, viam as mulheres como agente de menor importância no processo histórico.

É interessante destacar que as descobertas das mulheres sobre suas antecessoras acontecem atualmente, o que quer dizer que ainda se precisa de muita atuação no processo de desnaturalização das palavras. Por costume, quando estamos com pessoas que em sua maioria são mulheres e no meio delas há um homem, logo dizemos a palavra “eles” para nos referir a elas, que neste caso é a maioria. Diante da corriqueira situação podemos dizer nada tem de mais, afinal por que vamos dar atenção a um costume tão praticado? Pois é nesse sentido que os convido a refletir, as palavras nos possibilitam uma forma de ver o mundo, elas trazem consigo ideias; a linguagem torna-se um sistema para interpretar o mundo.

Moreno (1999, p. 16) nos salienta que: “[...] A linguagem reflete, assim, o sistema de pensamento coletivo, e com ele transmite uma grande parte do modo de pensar, sentir e atuar na sociedade”. Quando entendemos que compreendemos algo, seja uma pessoa, uma informação, uma imagem, um fato, uma comida e etc., pela ideia que nos foi transmitida pelas falas e/ou através das noções que vamos construindo sobre o “algo”, compreendemos melhor que antes mesmos de uma singular interpretação há inúmeras interpretações já significadas no “algo”, sempre já há alguma coisa a se dizer sobre aquilo.

Sendo assim, Montserrat Moreno nos esclarece:

As palavras denominam as coisas, mas também fazem com que as agrupemos de uma determinada maneira em nosso pensamento. O bebê aprende com as primeiras palavras que existe uma “mamãe” e um “papai”; logo aprenderá que existem “meninas” e “meninos”, e esta dicotomia o terá diferenciado muito antes que ele saiba que existe a palavra “pessoa”, que pode aplicar-se igualmente a todas elas (1999, p. 14).

Quanta ao uso da linguagem na leitura de uma imagem, entendemos que há toda uma interferência pela visão de mundo da pessoa que a faz, a não ser que se estabeleçam critérios sistemáticos para o feito. Quando se lê qualquer tipo de imagem muita das vezes utilizamos o senso comum de entendê-la pelo o que está sendo literalmente apresentado talvez nem considerando o ano em que foi produzida e a relação entre obra e o autor, considerações pertinentes a se fazer sobre a obra para compreendê-la no seu contexto.

Assim, reforçamos que a visualidade toma forma na prática discursiva sendo praticada pelas diversas gerações de pessoas. Por isso temos a relevante aproximação entre o que vemos, sentimos e entendemos. Nas palavras de Éverly Pegoraro (2011, p. 48) tendo como base a cultura visual como uma construção visual do social: “A visão é uma construção cultural, que é aprendida e cultivada, não simplesmente dada pela natureza e que, por conseguinte tem um percurso histórico que precisa ser avaliado”.

Nesse sentido podemos suscitar que o entendimento da palavra mulher é intrínseco ao seu significado que lhe foi atribuído nas sociedades, podendo ter modos diferenciados de concebê-la em diversos lugares. O antropólogo social Roque de Barros Laraia ao discorrer sobre o determinismo biológico e a sua não

destinação das diferenças culturais nos coloca diante do seu pensamento, onde a cultura condiciona a natureza do homem, ele observa:

A espécie humana se diferencia anatômica e fisiologicamente através do dimorfismo sexual, mas é falso que as diferenças de comportamento existentes entre pessoas de sexos diferentes sejam determinadas biologicamente. A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra. A verificação de qualquer sistema de divisão sexual do trabalho mostra que ele é determinado culturalmente e não em função de uma racionalidade biológica. O transporte de água para a aldeia é uma atividade feminina no Xingu (como nas favelas cariocas). [...] Mesmo as diferenças determinadas pelo aparelho reprodutor humano determinam diferentes manifestações culturais. Margareth Mead (1971) mostra que até a amamentação pode ser transferida a um marido moderno por meio da mamadeira. [...] Resumindo, o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação. Um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada (2001, p. 19).

Compartilhando deste pensamento, onde temos a condição humana exposta as práticas culturais transformando-a em força de perpetuação, partimos da ideia do corpo humano como algo ideológico que ao longo dos tempos toma forma de modelos a serem copiados. Da mesma forma existem distintos grupos sociais formadores de opiniões sobre o espaço da mulher na sociedade. Vivemos em uma sociedade patriarcal, com muitas mudanças, claro, porém não podemos citar que ainda não ocorrem violência e preconceito contra a mulher pelo fato da sua indicação biológica que popularmente é tida como frágil. Sabemos que tal consideração é falsa, como vimos com Laraia (2001) a educação que se dá a pessoa interfere em seu modo de auto reconhecimento e na sua vivência com os demais indivíduos, não nos esquecendo do entrelace do seu modo de ver o mundo com as suas narrativas. Somando a nossa compreensão, Susana Funck (2014, p. 29) acrescenta que: “[...] a ideologia é cognitiva, adquirida, e os esquemas que nos fazem conhecer e interpretar o mundo são transmitidos pelas palavras”.

As percepções do nosso corpo são construídas durante nossa vivência, nele pode ser resguardado manifestações sexuais cambiantes e conservadora, é por meio dele que realizamos nossas diferentes formas de querer, de rejeitar de nos colocar diante de uma situação seja ela particular ou não. Quando falamos em corpos, logo pensamos em sexualidade e nas suas inúmeras maneiras de vivenciá-

la. Sendo assim, a sexualidade é outro campo de estudo que contempla as pesquisas sobre mulher e relações de gênero, na realidade as discussões são emergidas pelos movimentos LGBTs (Lésbicas, Gays, Bi sexuais, Transexuais), do étnico-racial, e os de classe também estão presentes nas pesquisas das relações de gênero visando preencher as lacunas para questionamentos até então analisados pelo viés de conclusões essencializadas, produzindo sempre uma dicotomia entre os pares, onde uma categoria de indivíduos é “naturalmente” subordinada a outra. Neste caso a categoria mulher aparece depois da do homem, dizemos “homens e mulheres”, “filhos e filhas”, “meninos e meninas”, “ele e ela”. Isso acaba por reforçar a segmentação destes conceitos excludentes, nossa intenção com a presente pesquisa é não reforçar o papel que se constrói do feminino e do masculino como algo fixo, dado por natureza biológica, e nem os compreender por perspectivas que contribuem com a pluralização deste conceito.

Assim, acreditamos ter melhor clareza ao dialogarmos com o pensamento de Simone de Beauvoir, quando de maneira inovadora e subversiva aos modelos de sua época nos apresentou a condição feminina como escarava de sua própria situação, pois ela, a mulher, não se reconhece como um ser único, mas sim como pertencente ao homem, seu opressor, sendo o segundo sexo de uma relação de hierarquia que presume uma dicotomia. Para se tornar uma mulher é emergente que se tenha consciência de ser, de torna-se autenticamente uma mulher como sujeito (BEAUVOIR, 1970). De forma semelhante Michele Perrot, nos alerta sobre a mesma questão, levantada por Araújo (1993, p. 129) em uma entrevista: “[...] Um sexo só existe em relação ao outro. É uma evidência, mas trata-se de uma destas evidências que é preciso tornar operatória”.

E como tornar-se mulher numa perspectiva da desconstrução? Bom, podemos dizer que a partir desse pensamento não existe somente um único modelo de ser mulher, de ser homem, na realidade, de ser alguém. Os modelos são carregados de pré-requisitos que pretendem chegar a um fim, logo, não possuímos a plasticidade do corpo que propõe a desconstrução, onde entendemos que os modelos estabilizam e podem manter o indivíduo na inércia de sua própria condição. Porém, isso não quer dizer que todas as pessoas devam vivenciar as várias performatividades que o corpo nos possibilita. Uma vez que esta inusitada forma de

ser sugira outros comportamentos, novas certezas e perguntas, e identidades cambiantes, entendemos que o corpo se faz no âmbito social e político incluindo a linguagem e as representações do feminino e masculino; tal concepção sugere que a sexualidade se sustenta em princípios histórico e cultural não havendo um destino estritamente biológico para ele (LOURO, 2000, p. 8).

A partir dessas questões, propomos-nos a compreender como estão sendo ilustradas as mulheres nos livros didáticos, uma vez que estes agregam ideias ao conhecimento do aluno também contribuem significativamente com o seu imaginário podendo lhe ser produto cultural condutor da sua construção identitária. Entendemos que as imagens contidas nestes livros podem ser a primeira referência visual do contexto histórico dos fatos na sociedade, o que aconteceu, o que acontece e o que pode acontecer estão estampados nas páginas dos livros e acabam por influenciar no entendimento das ocorrências, o que pode se tornar mais preciso se a situação for pensada e transmitida da mesma forma pelo professor. Por isso a importância que tem de ser dada a essas gravuras que comumente são lidas como uma afirmação do texto escrito. É comum os alunos escutarem: - “Leiam o texto. Agora olhem a imagem. Não é a ilustração que vocês acabaram de ler?”. E geralmente é sim mesmo, a imagem está ali ilustrando a leitura, mas não é só isso que ela faz. O (a) artista que a fez talvez nem pensasse/pense que fosse estampar um livro didático. As obras de artes sempre foram e são manifestações culturais de algum momento histórico, sendo indispensável conhecer o contexto em que ela foi produzida para se entender mais sobre os seus significados. Também não podemos nos abster da individualidade do artista no momento em que a faz, tornando-a oculta aos olhos de alguns e descobrimentos aos olhos de outros. A subjetividade do autor (a) ao realizar a sua arte será considerada em nossas leituras como o entendimento literal do seu “eu”, é imensurável para nós dizermos exatamente no que a pessoa estava pensando e sentindo naquele momento, suas percepções serão respeitadas até porque não temos a audácia de decifrá-las, mas ao lermos a sua obra talvez estejamos compartilhando dos mesmos sentimentos, o fundamental é respeitá-la e nos arriscarmos nesta prática de leitura, senão poderemos ficar à margem dos seus explícitos significados. Como diz Manguel (2001, p. 27): “[...] Mas no início não havia nada, exceto a própria pintura”.

Nesse panorama, é fundamental entender a imagem como materialização e propiciação de uma visão, ou seja, o artista a constrói pela sua visão possibilitando ao mesmo tempo a visão dos outros sobre a materialização da sua arte. Porém, mesmo considerando as sensações particulares que foram aplicadas à obra, compreendemos que a visão do autor possui uma relação intrínseca com o seu contexto sendo de alguma forma afetada por ele, negando-o ou valorizando-o as situações do seu tempo estarão presentes em suas formas, sendo a visão uma construção histórica e cultural.

Assim, no contexto de sala de aula, tantos as (os) alunas (os) como as (os) professoras (os) estão em contato diário com as imagens e com a articulação desse pensamento que considera o contexto, o autor (a), e o leitor (a) da arte. Muitas explicações se podem obter de uma única ilustração, e ao mesmo tempo também podemos deixá-la despercebida, podendo favorecer com os atributos sociais cristalizados. Um exemplo que encontramos nas nove coleções que estamos analisando é a figura do professor sempre ser representada pela mulher, em duas coleções aparece homens dando aula, mas na sua maioria as imagens ossificam a profissão, principalmente porque se referem a professoras lecionando para crianças, o que nos remete ao imaginário da “professorinha” e a noção de que só mulher atua nos anos Infantis e Fundamental Nível I, o que não é uma verdade, pois há homens que trabalham nesta área de ensino, porém são poucos e quando estão geralmente os colocam como “invasores” da ala feminina. Essa situação de sempre ter a mulher como professora dos primeiros anos não é natural, pelo contrário, tem a sua história sendo construído com o tempo pela força da narrativa e por normas sociais que pretendem continuar estabilizando o comportamento e as ações dos indivíduos. Por isso a necessidade da reivindicação de espaço para se discutir e ampliar o conhecimento acerca da construção histórica sobre o feminino e o masculino que é tão presente em suas imagens visuais fixa.

Consideração Parcial

Nesse segundo momento abordaremos algumas reflexões que obtivemos com um primeiro olhar sobre as imagens de mulheres nos livros nos aproximando da metodologia utilizada. Como a análise está em desenvolvimento optamos por não

citar os nomes das coleções, falaremos de um modo geral. Tomando como meio de análise a resenha² de cada coleção que integra o PNLD de 2013, vimos que das nove, três não mencionam a palavra mulher, três abordam o assunto, e três contemplam positivamente o tema. Assim, mesmo as que não possuem um conteúdo específico sobre a mulher trazem figuras femininas ao longo dos volumes.

As coleções que visam à mulher nos textos e imagens propiciam o debate a seu respeito no trabalho, nas lutas e conquistas dos seus direitos, ou seja, como sujeito ativa na história. Uma consideração importante é que a maioria das imagens é representada por crianças e por figuras infantis de meninas, meninos, mãe, pai, professora; a maioria delas está no contexto de família, de bairro e de escola, sendo tratadas em suas diferenças de cor e etnia. As meninas (crianças) são ilustradas por cores de roupas coloridas com a predominância da cor-de-rosa, e nos seus afazeres como auxiliar nas tarefas domésticas, elas comumente estão arrumando a cama, limpando a casa e lavando louça, mas há coleções que também ilustram os meninos realizando os mesmos afazeres, o que consideramos algo positivo no que concerne a ideia de se pensar que há serviços de menina e de menino. No momento a predominância que encontramos em todos os volumes das coleções é a profissão de professora ser ilustrada pela mulher como dissemos anteriormente. Outra situação ocorrente é a mulher ou a criança menina estar segurando um bebê, e quando acompanhada do homem ou meninos, estes sempre estão ao seu lado, o que caracteriza a noção de maternidade inerente à vida da mulher. Nesse sentido nos cabe questionar os porquês dessas mesmas imagens sempre estarem presentes? Será a mulher a única pessoa a cuidar dos seus filhos? E a relação do pai ou da outra mãe, como acontece? Por fim, a atitude de repensarmos o espaço que estas figuras estão ou não nos livros nos permite descortinar uma visão fixa e única dos passos da mulher em sua vida em sociedade.

Referências

² As resenhas são elaboradas por profissionais da área de ensino do livro, neste caso a História. Ela é utilizada pela equipe pedagógica e pelos professores (as) como norte para selecionarem a coleção que será utilizada durante um triênio pela escola.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. **Michelle Perrot**. Projeto História. n. 10, p. 125-138, 1993.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. (Trad. Sérgio Milliet). 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

FUNCK, Susana Bornéo. Desafios atuais dos feminismos. In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues; ZANELLO, Valeska. **Estudos feministas e de gênero**: articulações e perspectivas [livro eletrônico]. Florianópolis: Mulheres, 2014. p. 22-35.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Estudos feministas**. n. 1, p. 7-31, 1993.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. (Trad. Rubens Figueiredo, Rosana Eichenberg, Cláudia Strauch). São Paulo: Companhia das letras, 2001.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. (Trad. Ana Venite Fuzatto). São Paulo: Moderna, 1999.

PEGORARO, Éverly. Estudos Visuais: principais autores e questionamentos de um campo emergente. **Domínios da Imagem**. n. 8, p. 41-52, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. (Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila). Recife: SOS Corpo, 1991. p.1-35.

SILVA, Valéria Fernandes da. Sujeito da história ou reclusa de caixa de texto: um olhar feminista sobre as representações femininas nos livros didáticos de história. In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues; ZANELLO, Valeska. **Estudos feministas e de gênero**: articulações e perspectivas [livro eletrônico]. Florianópolis: Mulheres, 2014. p. 262-275.